

GESTÃO SU

Poupar é uma forma de garanti

A palavra “poupar” talvez não faça parte do vocabulário do tomaticultor, ator principal de um setor onde a máxima é: “prejuízo de tomate só se paga com lucro de tomate”. No geral, esse pensamento é coerente quando se avalia a ótica dos preços, já que anos de baixa são seguidos por outros de preços elevados.

Para ajudar o produtor a entender o risco que sofre, a equipe da **Hortifruti Brasil** calculou a probabilidade de um produtor ter prejuízo com a cultura de tomate de mesa. Tomando como base a estimativa média da rentabilidade mensal nas principais regiões produtoras entre fevereiro de 2006 e abril de 2009, a equipe da **Hortifruti Brasil** calcula que a probabilidade de se obter prejuízo com essa cultura é por volta de 21%.

O elevado risco de retorno da tomaticultura já faz parte da atividade. O próprio perfil do tomaticultor é caracterizado como o de um apostador. Apesar de ser um agente disposto a investir em busca de maior lucratividade, os casos bem-sucedidos são aqueles em que tomaticultores conseguiram, de alguma forma, gerenciar melhor o seu capital – vulgarmente conhecido como “dinheiro do tomate”.

É importante ressaltar que o risco de preços é inerente à cultura e, independente da escala do produtor, todos estão expostos. A diferença é o modo que o tomaticultor gerencia o seu fluxo de caixa. Além disso, a

máxima do “prejuízo se paga com lucro” não é tão verdadeira assim se levarmos em conta o grande número de tomaticultores que saiu da atividade nos últimos anos por falta de capital.

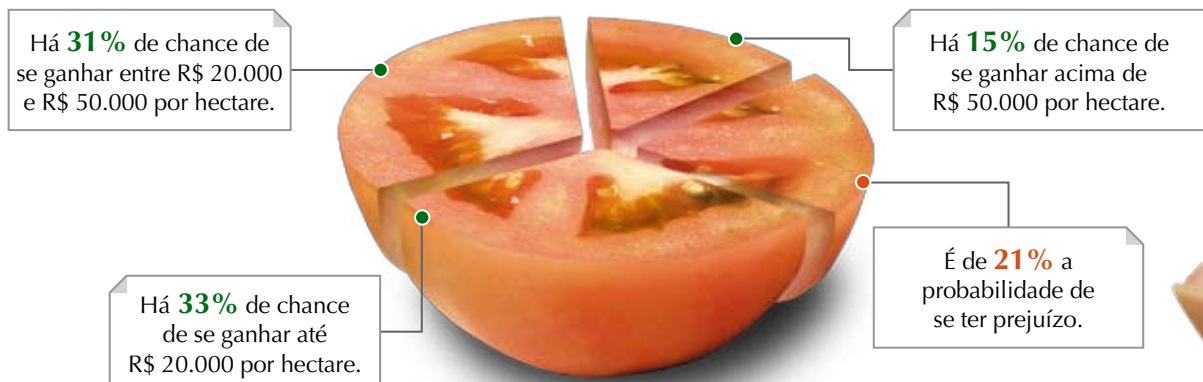
Em primeiro lugar, para gerenciar eficientemente o “dinheiro do tomate” é importante que o produtor tenha um manejo agrônômico e comercial eficiente da cultura e apure corretamente o seu custo de produção. Essa abordagem já foi discutida no *Especial Tomate* da edição nº 69 (junho/2008) da **Hortifruti Brasil**, sendo apresentadas alternativas para se reduzirem os custos. Além dos custos variáveis, também o Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP) deve ser analisado com atenção. Esse conceito foi bastante difundido no *Especial Citros*, edição nº 79 (maio/2009) da **Hortifruti Brasil**.

Nesta edição, todos esses conceitos são calculados novamente para uma propriedade típica de tomate de mesa da região de Mogi Guaçu, interior do estado de São Paulo, importante produtora do fruto durante o inverno.

Para aprimorar o conceito de gestão sustentável da tomaticultura, a **Hortifruti Brasil** incorpora a questão do risco e discute formas de minimizá-lo. A proposta desta matéria é trazer à discussão a tese de que o gerenciamento correto do “dinheiro do tomate” é uma das bases da gestão sustentável, tendo em vista o elevado risco de rentabilidade na cultura.

Há 21% de chances de o tomaticultor perder dinheiro

Probabilidade de perder/ganhar (R\$/hectare) na média das principais regiões de tomate de mesa



Obs: Estimativa para um tomaticultor de mesa com colheita nos 12 meses do ano, ou seja, que não concentra a colheita em uma única época do ano. No gráfico, “É de 21% a probabilidade de se ter prejuízo” é traduzido como: “a cada 12 meses, o tomaticultor pode ter rentabilidade negativa em 2,5 meses”.

Fonte: Cepea

STENTÁVEL

r a longevidade do tomaticultor



COMO REDUZIR O RISCO NA CULTURA DE TOMATE?

Esta pergunta foi feita para o coordenador do Cepea, professor Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, e sua sugestão foi criar um seguro contra prejuízos da cultura. De acordo com Barros, "uma gestão sustentável em tomate passa por uma avaliação criteriosa do grau de exposição ao risco de rentabilidade da cultura".

A recomendação do coordenador do Cepea é fazer uma reserva em dinheiro definida a partir da frequência em que ocorrem períodos críticos. Essa provisão deve ser retirada da receita líquida e proporcionaria um melhor gerenciamento do fluxo de caixa. É como se o produtor estivesse fazendo um seguro contra a receita negativa.

Com base numa série de rentabilidade mensal do tomate salada, a equipe da **Hortifruti Brasil** calculou qual é o prejuízo mais freqüente em Reais por hectare. Na média das principais regiões produtoras de tomate de mesa (safra de inverno e verão), o valor mais comum do prejuízo do tomaticultor foi de R\$ 7.600,00/ha, ocorrendo em 21% das vezes entre fevereiro de 2006 e abril de 2009.

Neste caso, o recomendável seria fazer uma poupança de R\$ 7.600,00/ha quando a atividade do tomate

possibilitar tal reserva – a exemplo do que ocorreu em muitas regiões em 2008. O recomendável é que cada produtor avalie o valor deste "seguro" com base na sua série histórica de lucro/prejuízo.

Apesar de haver 79% de chances de se obter uma rentabilidade positiva, o desembolso na cultura de tomate é muito elevado e, em anos de rentabilidade negativa, o produtor pode não conseguir obter crédito para investir na temporada seguinte, ou o seu custo de captação de dinheiro pode se elevar muito, o que acaba influenciando a sua capacidade de investimento e reduzindo muito as chances de se capitalizar novamente com a cultura. A "reserva" seria utilizada para essas situações, reduzindo o próprio custo do "dinheiro de tomate" e o grau de inadimplência do tomaticultor, facilitando inclusive a obtenção de dinheiro através de terceiros a um custo menor.

Quando se recomenda ao produtor realizar uma reserva financeira para os anos "difíceis" e também para o CARP, muitos produtores mostram-se resistentes ou até contrários, pois não concordam em deixar o dinheiro guardado no banco ao invés de reinvesti-lo. Neste caso, o produtor está considerando que a provisão pode ser feita de outra maneira, não-financeira. De fato, é possível, mas essa reserva deve ter alta liquidez e não corra grande risco de perda do valor. A compra de terras é um exemplo muito comum de provisão, mas, embora haja um consenso de que ela pode se valorizar ao longo do tempo, o seu valor pode reduzir dependendo da conjuntura econômica agrícola da região em um determinado ano. Além disso, se houver necessidade de resgatar o dinheiro prontamente para cobrir o prejuízo de uma safra, a terra não é vista como a melhor proposta, uma vez que levaria certo tempo para ser vendida.



Cabrio Top[®]

FUNGICIDA

Isto é
AgCelence[™]

Mais dinheiro que
entra no seu bolso

Saiba mais. Visite nosso site:
www.agcelence.com.br

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
agrônomo

PRATIQUE O MANEJO INTEGRADO

0800 0192 500

www.agro.basf.com.br



Cabrio Top® é fungicida com benefícios AgCelence™.

Isto é: plantas mais verdes, saudáveis e produtivas.

Algo além da proteção de cultivos.

Cabrio Top®. Prevenção contra a Requeima.

Cantus®. O resultado é a diferença.

 **BASF**

The Chemical Company

CUSTO DE PRODUÇÃO DE TOMATE EM MOGI GUAÇU



Para obter o custo de produção de tomate de mesa na região de Mogi Guaçu (SP), foram calculados os desembolsos e ativos de uma propriedade típica da região. Os dados são da safra de inverno de 2008, que iniciou em maio e encerrou em novembro daquele ano. Mesmo com o aumento das pulverizações, a produtividade foi abaixo do potencial médio da região, que é normalmente de 3.850 caixas/ha.

No estudo, considerou-se o sistema de arrendamento, adotado para a produção de tomate em 90% da área de Mogi Guaçu. O valor do arrendamento em 2008 foi de R\$ 1.240,00 por hectare, sendo seu desembolso efetuado no momento em que se contrata a terra. Esse valor é computado na planilha no *Custo Operacional*. Se o tomicultor cultivar em terra própria, não é necessário embutir o valor do arrendamento, mas é importante apurar um valor de custo de oportunidade de uso da terra.

O custo de implantação da cultura em 15 hectares – tamanho considerado típico para a re-

gião – foi estimado em R\$ 6.000,00 por hectare e o tempo de vida útil é de três anos, em média. Nesse período, é necessário realizar um reparo, sendo que a taxa de manutenção é de 30% ao ano. Ao final da vida útil de quatro anos, o barracão tem um valor residual próximo de 20% de um novo. O refeitório custou cerca de R\$ 4.000,00 e a vida útil média é de três anos, com taxa de manutenção igual à do barracão. Os banheiros químicos custam cerca de R\$ 1.000,00 (incluindo a instalação no local), com vida útil de aproximadamente 2 anos, sem valor residual.

Para uma colheita de 15 hectares, o produtor de Mogi compra em média 1.000 caixas de madeira do tipo K, cujo custo total é de R\$ 11.000,00. A cada ano, o custo de reposição é de 20%.

Na planilha de Custo de Produção de Mogi Guaçu, o cálculo da depreciação dos bens já foi apurado pela metodologia do CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) – a fórmula de apuração do CARP encontra-se na matéria de maio de 2009 da **Hortifruti Brasil**.

Perfil da propriedade típica de Mogi Guaçu

Área	15 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2008	3.300 caixas por hectare
Sistema de Plantio	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	2 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção dos tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de irrigação	sulco

Descrição do maquinário

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 CV
- arado de 3 discos e 28 polegadas
- grade aradora de 16 discos e 28 polegadas
- 1 distribuidor de calcário de cinco toneladas
- 1 subsolador de 7 hastes
- 1 grade niveladora de 32 discos
- sulcador de duas linhas
- 1 plaina
- 1 pulverizador de 2 mil litros, com 18 metros de barras de pulverização
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 tanque de 2 mil litros
- 2 mil metros de mangueira
- 1 veículo utilitário
- 1 ônibus

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) - SAFRA DE INVERNO 2008

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/pé (R\$/pé)	% CO	% CT
Insumos e sementes	19.873,12	1,81	43,07%	39,05%
Fertilizantes/Corretivos	9.085,00	0,83	19,69%	17,85%
Adubação Foliar	1.313,78	0,12	2,85%	2,58%
Sementes	2.900,00	0,26	6,29%	5,70%
Fungicidas/Bactericidas	3.342,53	0,30	7,24%	6,57%
Inseticidas	2.671,40	0,24	5,79%	5,25%
Herbicidas	141,00	0,01	0,31%	0,28%
Adjuvante/Red. PH/Indutores	419,42	0,04	0,91%	0,82%
Viveirista	264,00	0,02	0,57%	0,52%
Infra-estrutura	1.894,59	0,17	4,11%	3,72%
Estrutura de Plantio	1.870,70	0,17	4,05%	3,68%
Benfeitorias	23,89	0,00	0,05%	0,05%
Operações Mecânicas	1.895,03	0,17	4,11%	3,72%
Colheita	880,00	0,08	1,91%	1,73%
Pulverização	434,40	0,04	0,94%	0,85%
Estaqueamento/Destaqueamento	244,00	0,02	0,53%	0,48%
Preparo de solo e adubação	336,63	0,03	0,73%	0,66%
Irrigação	1.950,40	0,18	4,23%	3,83%
Irrigação	1.950,40	0,18	4,23%	3,83%
Mão-de-obra	9.682,71	0,88	20,98%	19,02%
Meeiros (temporários)	7.481,23	0,68	16,21%	14,70%
Diaristas	1.368,35	0,12	2,97%	2,69%
Permanentes	833,13	0,08	1,81%	1,64%
Despesa com utilitários	181,80	0,02	0,39%	0,36%
Despesas gerais	4.040,67	0,37	8,76%	7,94%
Administrador	3.200,00	0,29	6,94%	6,29%
EPIs	374,00	0,03	0,81%	0,73%
Seguro lavoura	266,67	0,02	0,58%	0,52%
Contador	200,00	0,02	0,43%	0,39%
Custo com Telefonia	100,00	0,01	0,22%	0,20%
Sindicato Rural	53,33	0,00	0,12%	0,10%
Energia Elétrica	13,33	0,00	0,03%	0,03%
Caixas (reposição)	146,67	0,01	0,32%	0,29%
Impostos	2.099,95	0,19	4,55%	4,13%
Taxas e Contribuições	1.958,69	0,18	4,24%	3,85%
IPVA+Seguro Obrigatório	141,25	0,01	0,31%	0,28%
Arrendamento da Terra	1.239,67	0,11	2,69%	2,44%
Financiamento do Capital de Giro	2.872,92	0,26	6,23%	5,64%
Custo Operacional	46.141,53	4,19	100,00%	90,66%
CARP	4.753,46	0,43		9,34%
Implantação	2.314,31	0,21		4,55%
Máquina	1.162,46	0,11		2,28%
Utilitários	395,24	0,04		0,78%
Implementos	494,86	0,04		0,97%
Equipamentos (Irrigação)	265,04	0,02		0,52%
Benfeitorias	121,56	0,01		0,24%
CUSTO TOTAL	50.894,99	4,63		100,00%

Custo Total (3.300 cxs/ha) - R\$ 15,42/cx de 23 Kg

QUANTO CUSTA O “DINHEIRO DO TOMATE”?

O Custo do Capital de Giro do tomate, mais conhecido como “custo do dinheiro do tomate”, correspondeu a 6% dos custos totais de produção em Mogi Guaçu no ano de 2008.

O “custo do dinheiro” ou o custo do capital de giro é o valor pago em juros por financiamentos de capital de terceiros como bancos, revendas e atacadistas. O valor efetivamente pago de juros, na planilha, é denominado como o Custo do Capital de Giro. Quando o dinheiro utilizado é próprio do produtor, não tem o custo de juros, mas é recomendável que embuta um custo de oportunidade do capital próprio. A ideia é estimar qual é o valor de remuneração alternativa que o tomaticultor poderia receber se ele estivesse empregando esse dinheiro em outra atividade, como em aplicação do mercado financeiro. Uma das formas de apurar esse custo é considerar a remuneração básica da poupança, que seria uma aplicação sem risco.

Em Mogi Guaçu, na safra de inverno de 2008, a média dos produtores optou por trabalhar com capital próprio e com o que há disponível de crédito oficial via banco – que são as taxas mais

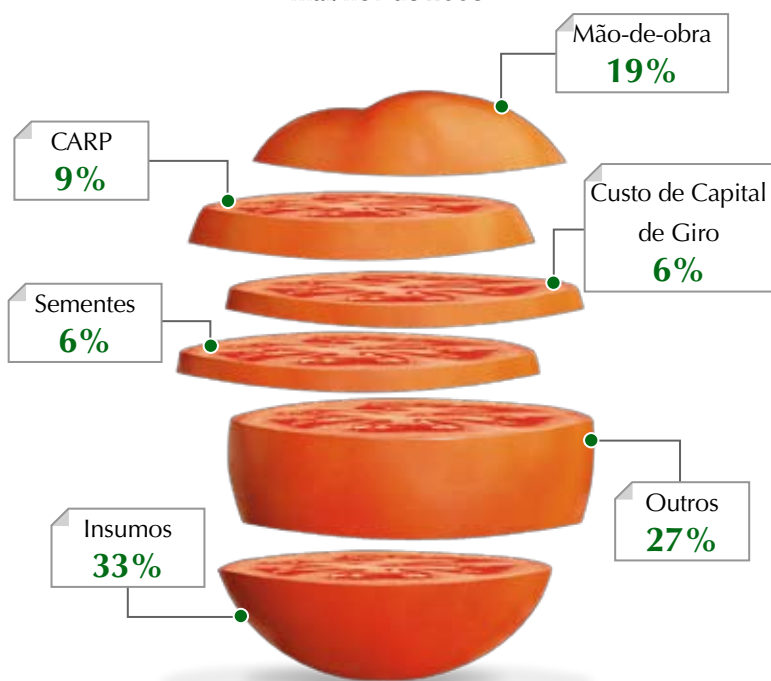
baratas do mercado. No entanto, em 2008, isso foi suficiente somente para cobrir 64% das suas necessidades de caixa. Assim, o produtor recorreu também ao financiamento das revendas.

Das diversas formas de captação de dinheiro, os juros do capital próprio (considerando-se aqui a taxa de poupança) são os mais em conta. O financiamento através de banco público, subsidiado pelo governo, seria a segunda forma mais atrativa para custear a safra, mas o montante disponibilizado por CPF de cada tomaticultor é pequeno, insuficiente para cobrir a maior parte das suas despesas. Além disso, vale lembrar que, embora a taxa de financiamento público seja oficialmente de 6,75% ao ano, são cobradas outras taxas – seguro de vida, registro e o projeto técnico –, o que aumenta a taxa para valores acima de 9% ao ano.

Outra forma bastante comum de financiamento é através das revendas. No caso de Mogi Guaçu, a taxa de juros média cobrada pela revenda é de 1,8% ao mês. O prazo de financiamento é de três meses para fertilizantes e, para os defensivos, de quatro meses.

Juros representam 6% do Custo Total

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção (%) de Mogi Guaçu (SP) - mai/nov de 2008



Principais financiadores da produção de tomate e suas respectivas taxas de juros (%)

Revendas:

24%
ao ano

As revendas normalmente dão um prazo de financiamento menor que um ano. Para defensivos, o prazo é de 3 meses e, para fertilizantes, 4 meses.

Governo:

9%
ao ano

Oficialmente, a taxa é 6,75% a.a, mas acrescentando os custos de registros e seguro, o valor é superior a 9% a.a.

Produtor (capital próprio):

6%
ao ano

Apesar de o produtor não ter esse custo, é importante que ele considere embutir um custo de oportunidade sobre o capital empregado.

Fonte: Cepea



Nunhems.

Inovação do campo à mesa.

Através da pesquisa, a Nunhems, companhia de sementes de hortaliças da Bayer CropScience, oferece ao produtor variedades desenvolvidas para suas condições de cultivo, além de visar as necessidades do mercado como um todo. No seu portfólio de produtos, encontram-se variedades de expressão, como o tomate PIZZADORO, os melões da linha MAGENTA, a melancia JENNY, a cenoura do tipo "baby", entre outros.

Entre em contato com a nossa equipe e ponha mais valor no que você produz.

CÁLCULO DO SEGURO DE RENDA EM TOMATE

Após estimar o custo de produção de uma safra, o tomaticultor deve fazer uma análise do seu lucro e se planejar para a próxima temporada. Normalmente, quando obtém bons rendimentos, o tomaticultor investe mais na safra seguinte por dispor de mais capital próprio. É nesse momento que recomendamos ao produtor que avalie o risco de investir 100% das suas reservas novamente na cultura de tomate, principalmente se for levado em conta que anos de boa lucratividade costumam ser seguidos por outros de baixa justamente porque a área cultivada tende a ser ampliada, vindo a pressionar as cotações.

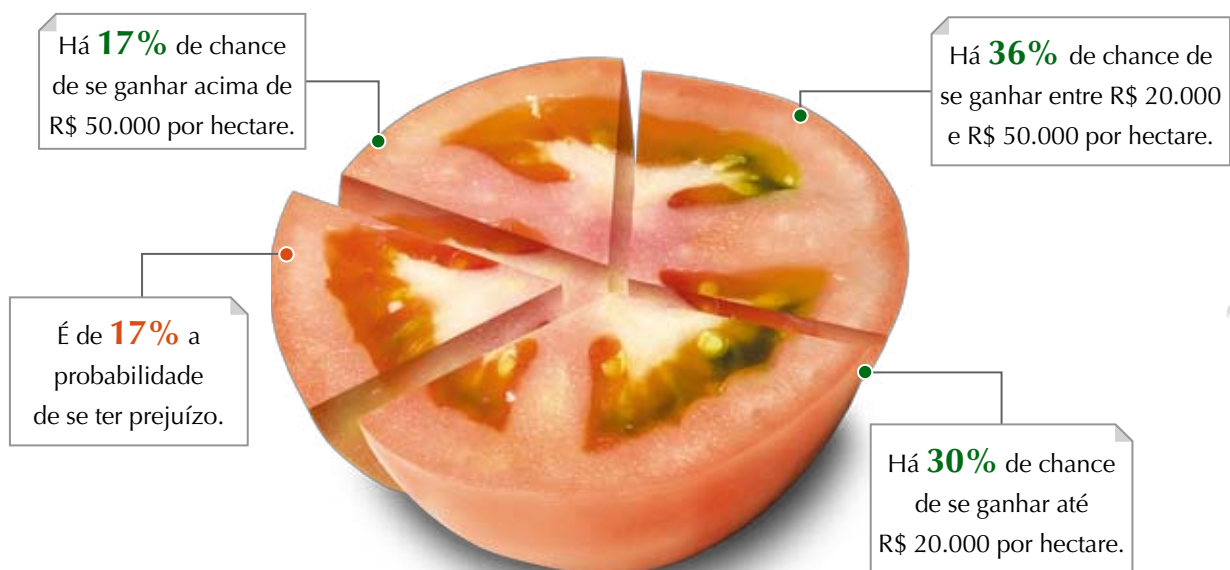
A recomendação é que, no momento do planejamento do montante a ser desembolsado, o tomaticultor também avalie o seu risco de prejuízos e adote alguma forma de proteção contra o saldo mais comum negativo. É indicada uma reserva de capital em aplicação financeira de baixo risco (poupança ou CDB pré-fixado) ou uma outra forma de provisão de alta

liquidez e de baixo risco. Isso seria uma forma de fazer “seguro” contra o impacto de eventuais prejuízos da cultura.

Para realizar o cálculo do valor do seguro, o importante é que o produtor conheça seu próprio valor de prejuízo mais comum, já que esse valor varia de acordo com o perfil do negócio e escala de produção.

Além da reserva em dinheiro, vale lembrar que existem outras formas de provisão que não a financeira que também podem ser utilizadas pelo produtor e serão alvo de estudos futuros da **Hortifruti Brasil**. Por enquanto, a recomendação de especialistas da área é que a provisão será mais eficiente se o capital for alocado em investimentos de baixo risco e alta liquidez, com um grau de risco distinto do enfrentado pela cultura do tomate. A mensagem principal da *Matéria de Capa* desta edição é que a provisão através de uma reserva financeira é uma das formas de gestão sustentável na tomaticultura.

Probabilidade de perder/ganhar (R\$/hectare) com tomate em Mogi Guaçu



Fonte: Cepea

Obs: Estimativa com base na série histórica de rentabilidade média por hectare/mês durante a safra de inverno de Mogi Guaçu entre 2006 e 2008.

SEGURO CONTRA RISCO DE PREJUÍZO EM MOGI GUAÇU (sugestão de cálculo)

1. Estimar o prejuízo mais comum por hectare. Entre 2006 e 2008, o prejuízo médio em Mogi Guaçu foi de R\$ 6.300 por hectare, o que representa cerca de 14% do Custo Operacional médio no período, apurado em R\$ 46.600,00 por hectare.
2. Em seguida, multiplicar o valor do seguro (R\$ 6.300,00/ha) pelo total da área inicialmente planejada a ser cultivada. No presente exercício, é utilizado o tamanho médio de uma propriedade típica de Mogi Guaçu de 15 hectares.
3. O valor total que deverá ser "poupado" numa boa safra é de R\$ 94.500,00, que equivale a reservar 2 hectares do total desembolsado em 15 hectares (R\$ 700.000,00).
4. Assim, recomenda-se que, ao invés de cultivar 15 hectares com tomate, o produtor invista somente em 13 hectares. Isto é, que guarde em dinheiro o que seria investido nos 2 hectares numa aplicação financeira de baixo risco, como a poupança.
5. O valor do seguro pode variar dependendo do grau de exposição do risco desejado pelo tomaticultor e da sua capacidade de reserva. O tomaticultor pode diminuir esse valor caso ele opte por assumir um risco maior de prejuízo.
6. O importante é começar a quantificar o risco da cultura de tomate e o seu equivalente necessário em seguro para manter o tomaticultor na atividade.

Resumidamente, o seguro deve ser o valor do prejuízo mais comum por hectare e cuja reserva representa uma proteção para o produtor. Essa opção pelo seguro contra prejuízo pode reduzir a lucratividade do tomaticultor no curto prazo, já que ele opta por não investir 100% das suas reservas em tomate e isso significa reduzir a área a ser investida.

Em 2008, ao simular a rentabilidade de um produtor típico em Mogi Guaçu com a sugestão da presente matéria, sua lucratividade seria apenas 5% menor - já contando com a remuneração financeira na poupança com os R\$ 94.500,00 do seguro - que a obtida por produtor que teria investido em 15 hectares.

Por outro lado, em 2009, essa mesma reserva pode fazer diferença para o tomaticultor de Mogi Guaçu, já que a rentabilidade em algumas semanas do mês de maio foi negativa. Se o produtor não tivesse nenhum tipo de provisão e tivesse de pagar compromissos naquele momento, o custo do dinheiro poderia subir muito. Em situações de necessidade de caixa imediato, o produtor costuma optar pelo cheque especial, que cobra juros médios de quase 9% ao mês. ■



Só uma coisa cresce mais do que as plantas a partir do primeiro amarrido: a proteção de Infinito



 **ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.**



INFINITO[®]

Infinito é Proteção Estendida no tomate.

Você já pode deixar sua lavoura mais protegida contra a requeima. Chegou Infinito, o novo fungicida da Bayer CropScience que atua a partir do primeiro amarrão com consistência em folhas, hastes e frutos. Uma nova fórmula eficiente que se redistribui nos tecidos novos da planta e age continuamente nos momentos em que as plantas mais precisam.

Infinito – Proteção Estendida



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.





ENTREVISTA:

“DINHEIRO É A FORMA MAIS SEGURA DE PROVISÃO”

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros é doutor em Economia pela Universidade do Estado da Carolina do Norte e pós-doutorado pela Universidade de Minnesota, ambas norte-americanas. É professor titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP e coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). Nos últimos quatro anos têm apresentado contribuições teóricas importantes a respeito da sustentabilidade econômica do agronegócio.

Hortifruti Brasil: Como o senhor interpreta o risco de rentabilidade do tomaticultor de mesa estimado pela Hortifruti Brasil (tabela abaixo)?

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros: Com base na série histórica da **Hortifruti Brasil** de receita líquida mensal nas principais regiões produtoras, a probabilidade é de que em dois meses e meio, a cada 12, o tomaticultor tenha rentabilidade negativa. É importante ressaltar que esse cálculo de risco é baseado no perfil de um tomaticultor que colhe ao longo de 12 meses. Além disso, reiteramos que é somente uma referência sobre o grau de exposição ao risco de rentabilidade presente na cultura do tomate de mesa. O mais importante é que o produtor tenha um bom controle do seu fluxo de caixa e que apure o prejuízo mais comum (em R\$/ha) a que está exposto. Esse montante financeiro é justamente o valor do seguro que o tomaticultor deveria guardar para utilizar em situações negativas de renda, como se fosse uma proteção contra prejuízo.

RISCO DE RENTABILIDADE DO TOMATICULTOR*

A cada 12 meses, a chance de se obter...

Prejuízo de R\$ 10 mil a R\$ 20 mil/ha	1 mês
Prejuízo de até R\$ 10 mil/ha	1,5 mês
Lucro de até R\$ 10 mil/ha	2 meses
Lucro de R\$ 10 mil a R\$ 20 mil/ha	2 meses
Lucro de R\$ 20 mil a R\$ 30 mil/ha	2,5 meses
Lucro de R\$ 30 mil a R\$ 40 mil/ha	1 mês
Lucro de R\$ 40 mil a R\$ 50 mil/ha	10 dias
Lucro de R\$ 50 mil a R\$ 75 mil/ha	2 meses

* Estimativa para um tomaticultor de mesa com colheita nos 12 meses do ano, ou seja, que não concentra em uma única época do ano. A série histórica utilizada no estudo é de fevereiro de 2006 a abril de 2009.

HF Brasil: Em sua opinião, qual é a melhor forma de o tomaticultor se proteger contra os prejuízos da cultura?

Barros: O produtor de tomate, como regra, está sujeito a elevado risco e isso configura em uma situação perigosa de grandes perdas patrimoniais. A boa prática administrativa recomenda que o produtor somente considere esse empreendimento mediante o provisionamento de parte dos recursos a serem comprometidos na atividade. Provisionar

“ Não recomendo o provisionamento contra riscos em terra. A forma mais simples de poupança seria separar um percentual do capital de giro que seria investido em tomate e aplicá-lo na caderneta de poupança ou num fundo de renda fixa ”

é aplicar um montante necessário de capital em projeto seguro (baixo risco), que pode ser uma aplicação financeira ou outra atividade que não apresente o mesmo perfil de risco do tomate.

HF Brasil: Qual atividade o senhor recomendaria como alternativa ao tomate para reduzir risco de rentabilidade?

Barros: O produtor que desejar pode ter outra atividade agrícola de forma a reduzir o risco conjunto, ou seja, trabalharia com tomate mais outra atividade. Para isso, é preciso analisar o padrão de risco – de produção e de mercado – de atividades que o produtor esteja disposto a desenvolver paralelamente ao tomate. O ideal é buscar atividades que tenham um padrão de rentabilidade oposto ao do tomate; assim, quando este vai mal, a outra atividade compensa e vice-versa. Se essa atividade alternativa envolver o uso dos mesmos equipamentos e/ou alternar com o tomate o uso da terra, por exemplo, tanto melhor, pois isso vai melhorar a eficiência econômica do conjunto da produção.

“ Gerenciar risco fazendo provisionamento é **somente** para aqueles que querem preservar seu patrimônio e, assim, garantir o bem-estar próprio e o de sua família ”

HF Brasil: *O senhor considera uma boa alternativa de provisão investimento em terra?*

Barros: De forma alguma o provisionamento deve ser uma aplicação em ativos relacionados ao tomate, como a terra da região, por exemplo. A forma mais simples seria separar um percentual – que depende do perfil de risco da atividade – do que seria investido em tomate e aplicá-lo na caderneta de poupança ou num fundo de renda fixa (Certificado de Depósitos Bancários - CDB, por exemplo), mas nunca em bolsa. O produtor não pode perder recursos ao fazer esse provisionamento. Na verdade, em média, essa aplicação financeira estará reduzindo o risco e aumentando a rentabilidade média da produção de tomate, embora diminua um pouco a chance dos ganhos espetaculares que de vez em quando acontecem.

HF Brasil: *Historicamente, no entanto, o produtor considera terra, gado e café como forma de provisão. Por quê esse comportamento é tão comum?*

Barros: O produtor rural tende a limitar sua carteira de aplicações a ativos agropecuários (terra,

gado, máquinas e veículos). O problema dessa restrição decorre da sincronização entre rentabilidade da agropecuária e o valor desses ativos quando o ano foi bom (boa produção e bons preços). Esses ativos vão estar em alta e, logo, não é hora de comprá-los de forma alguma. Quem quiser comprar mais terra deve fazê-lo quando os preços estão baixos – o que ocorre quando muitos produtores rurais estão de bolsos vazios. Então, o produtor deve poupar seus recursos para uma eventual aquisição de terra numa época favorável para tal negócio, ou seja, num ciclo de baixa rentabilidade agrícola. Se fizer provisionamento com terra, caso tenha prejuízo com tomate e precise dispor de parte de sua terra, vai vendê-la a preços baixos, ou seja, vai fazer um mau negócio.

HF Brasil: *Há outra alternativa de provisão além da reserva de dinheiro em banco?*

Barros: As alternativas fora dos bancos, como já disse, podem ser consideradas quando o produtor identificar atividade que esteja em condições de desenvolver, ou seja, uma atividade que conheça bem – do ponto de vista econômico e técnico – que seja rentável e que não “ande junto” com o tomate. Pode ser algo no meio rural ou urbano. Creio, porém, ser difícil identificar tal atividade. Aplicar no banco, nos ativos já apontados, é mais seguro e mais cômodo, sem contar a liquidez imediata.

HF Brasil: *Muitas vezes, pode ser difícil convencer o produtor a fazer uma provisão anual porque, em um determinado ano, ele pode obter lucratividade muito maior se tivesse investido 100% na cultura do tomate.*

Barros: Um produtor que não esteja preocupado em perder seu patrimônio ou ir à falência pode adotar uma estratégia de alto risco como essa. Gerenciar risco, fazendo provisionamento é *somente* para aqueles que querem preservar seu patrimônio e, assim, garantir o bem-estar próprio e o de sua família. O produtor deve examinar se, ao longo dos últimos 15 anos, seu patrimônio aumentou, e quantas vezes ele “perdeu o sono” por causa de grandes quebras de safra ou porque os preços do tomate despencaram. Se isso aconteceu, é porque o grande lucro que ocorreu em determinado momento não cobriu os ganhos pequenos e os prejuízos de outros momentos. ■